

Ramiro d'Além

LAMENTOS do PURGATÓRIO



Agradecimentos

Agradeço à Lua de Dezembro pelo seu brilho inspirador, à noite pelos conselhos murmurantes, ao riacho pelas palavras ditas ao deslizar pelos seixos, ao vento que arrasta os odores florais de Abril e à floresta pelo seu silêncio; agradeço, também, à artista plástica Margarida Silva pelas gravuras que habitam este escrito e ao Miguel Moreira pela imagem da capa.

Ramiro d'Além

Glossário

Alcaldaria – organismo administrativo regional

Dinheiro – unidade monetária

Pampilo – malmequer; flor amarela que, durante a Primavera, junca os prados da Gallaecia.

ANTE SCRIPTUM

Entre o Belo e o Horrível:
Inocência e perfídia,
Puro e impuro,
Luz e trevas,
Sano e insano,
Dor e deleite,
Ela e ele,
O Bem e o Mal.

O Belo e o Horrível... O Belo!
O Bem e o Mal... O Mal!
O Belo e o Mal!
O Belo e o Mal!
O Belo e o Mal!

Rapúncio Nocturno

LAMENTOS DO PURGATÓRIO

Parte I Ressurreição

A Vila de Trancoso situava-se na Gallaecia e as suas origens perdiam-se na bruma dos tempos, sendo forte o testemunho medieval atestado pelo centro histórico.

No irregular alto de uma colina situava-se o mosteiro de S. Gunderico: uma imponente construção que misturava o estilo românico com o gótico, edificada num antigo local de culto celta outrora semeado de antas.

Apesar de não ser habitado permanentemente há algumas décadas, o mosteiro de S. Gunderico mantinha-se num excelente estado de conservação, e algumas das divisões que o compunham, como a sala do capítulo, o dormitório e a cozinha, eram colocadas à disposição da população sempre que esta necessitava. Os claustros, que uniam a igreja ao restante corpo do mosteiro, formavam um quadrado perfeito e o jardim aí encerrado estava tratado com esmero.

De planta cruciforme, a igreja do mosteiro tinha uma nave majestosa, duas torres sineiras e uma rosácea com deslumbrantes vitrais por cima da fachada principal.

Devido à geografia do terreno, o templo tinha uma orientação pouco habitual, pois a cabeceira estava voltada a

Norte e a fachada principal a Sul, quando o normal seria a cabeceira voltada para Oriente e a fachada principal para Ocidente. As traseiras e uma parte de uma das paredes laterais estavam incrustadas na rocha granítica da colina.

Cem metros para lá das traseiras do mosteiro a colina descia num suave declive e quatrocentos metros para norte, no alto de um rochedo rodeado por gigantescos carvalhos, erguia-se a capela do Arcanjo, à qual se tinha acesso através de cinquenta degraus talhados na rocha.

Era uma simples e bela construção granítica em estilo românico do século VIII: um alpendre em perfeito estado de conservação rodeava todas as paredes exteriores com excepção da cabeceira, a parede frontal ostentava uma grosseira cantaria e irregulares arquivoltas constituíam o pórtico. O interior era bastante sombrio, já que eram poucas as frestas nas paredes por onde a luz passava. No entanto, eram bem visíveis algumas gravuras de cruzeiros, alguns nomes e orações esculpidas no pavimento de granito, indicando haver aí sepulturas.

Apesar da arquitectura simples, a capela do Arcanjo continha uma riquíssima talha dourada, frescos que reproduziam passagens da Bíblia e que eram autênticas obras de arte. Em nichos nas paredes laterais havia uma colecção de esculturas em mármore que despertaria a cobiça de qualquer coleccionador de arte sacra.

A largura da fachada da capela do Arcanjo não tinha mais de oito metros; o comprimento da nave não ultrapassava os dezasseis; e a altura da nave era a mesma da capela-mor, ou seja, oito metros.

A parte mais importante do centro histórico de Trancoso, com a quase totalidade das habitações sendo construções do

século XIII em perfeito estado de conservação, ocupava toda a colina onde o mosteiro se encontrava no topo.

A sul, sudoeste e sudeste dessa colina ficava uma planície em forma de garra que parecia pretender sufocar o centro histórico da vila. Grande parte da planície estava preenchida com inúmeras casas agrupadas em quarteirões, sendo estes separados por ruas perpendiculares, enlameadas com cubos de granito cinzento. Era a parte nova da vila, a zona residencial por excelência, onde se podiam encontrar vários estabelecimentos de ensino; um sem número de estabelecimentos comerciais, entre os quais várias casas que comercializavam objectos de arte; quatro museus; a Alcaldaria, que era o órgão administrativo de Trancoso e que funcionava numa antiga abadia; duas igrejas de construção recente e meia dúzia de esmerados jardins públicos.

Voltemos ao centro histórico: exceptuando a parte da igreja incrustada na rocha, o mosteiro de S. Gunderico era cercado por um pequeno espaço, o adro, coberto por paralelepípedos de granito.

Na frente do mosteiro, a umas dezenas de metros da entrada principal, havia um pelourinho antiquíssimo, de escultura a imitar grossas cobras entrançadas umas nas outras, onde, em tempos muito recuados, esturricara a carne de várias velhas acusadas da prática de bruxaria.

A larga Avenida do Sol, que parecia ter sido traçada a régua e esquadro, tinha cerca de dois quilómetros de comprimento, rasgava a parte nova de Trancoso e, depois de afunilar no centro histórico, desembocava na frente do pelourinho.

A sudeste do mosteiro, na colina, mas quase no seu sopé, ficava a Escola Artística, onde se ministravam aulas de história da arte; arqueologia; olaria; teatro; música; escultura; desenho; pintura; artes florais; jardinagem; dança e esteticismo.

Nas traseiras da escola ficava um enorme jardim sem muros onde havia, unicamente, rosas vermelhas de intenso aroma.

Do jardim da Escola Artística saía uma rua de nome Alameda das Magnólias. Este nome advinha do facto de, em toda a sua extensão, os passeios da rua estarem ornamentados com magnólias, sendo estas podadas de forma arredondada e de maneira a ficarem tão baixas que até uma criança conseguia colher uma ou outra flor.

A Alameda das Magnólias subia a colina rectilaneamente indo, como a Avenida do Sol, desembocar perto do pelourinho.

Convém dizer que a meio da Alameda das Magnólias havia o Largo do Mercado, sendo este um espaço circular onde se vendia de tudo um pouco: de galinhas e legumes, passando pela fruta e peixe, até às obras de arte.

Eram cerca de trinta as pequenas lojas que circundavam o Largo do Mercado: cada uma era composta por uma construção de tijolo-burro, tendo apenas uma divisão onde os comerciantes podiam guardar os seus produtos; fora da porta de madeira de cada loja havia um pequeno balcão abrigado do sol e da chuva por um coberto de delgadas placas de xisto.

A meio caminho entre o Largo do Mercado e o pelourinho ficava a Rua Aperire que, depois de se estender por sete dezenas de metros para nascente, dava acesso à casa do arcipreste Genserico, a única naquela rua: um sumptuoso edifício senhorial de granito polido e quase rodeado pela

floresta. O único pormenor que fazia com que aquela construção não estivesse em perfeito estado de conservação, prendia-se com algumas janelas do piso superior, cujas portadas de madeira se encontravam bastante degradadas, apresentando grandes frestas. Ultrapassada a grande porta do alto muro que rodeava toda a propriedade, apresentava-se um enorme pátio encalçado com pequenos cubos de basalto pretíssimo e calcário branco formando desenhos de aves em voo. Todo o pátio era rodeado por colunas de granito azul com dois metros de altura e ao lado de cada uma encontrava-se um vaso com frésias.

Num dos lados do pátio, no lado oposto à grande porta do muro, ficava a mansão propriamente dita. No rés-do-chão, entre outras divisões, encontravam-se os quartos dos serviçais; a cozinha; uma arrecadação onde se guardavam vários materiais, entre os quais ferramentas de jardinagem; a sala de jantar e um enorme salão onde o arcipreste, de tempos a tempos, organizava reuniões. No piso superior, entre outras divisões, havia uma rica biblioteca; o quarto do arcipreste; o seu gabinete de trabalho e um compartimento onde o clérigo guardava fósseis e imensos objectos de arte, como quadros e esculturas.

O acesso ao piso superior fazia-se por uma escada de granito situada num dos ângulos do pátio.

O centro histórico de Trancoso era habitado, maioritariamente, pelas pessoas mais idosas da vila, mas, em contrapartida, era o local mais procurado pelos jovens artistas e intelectuais, pois, era no centro histórico que se podiam encontrar os pequenos tascos onde inúmeros alunos da Escola Artística, e não só, expunham as suas obras. Os tascos do centro histórico de Trancoso eram autênticas galerias de arte onde também se podia comer e beber.

Era no centro histórico que se fazia o Grande Magusto, era no centro histórico que se faziam as maiores fogueiras na Festa de Queimar o Maio, era ainda no centro histórico que, espontaneamente, eclodiam grandes festas.

A noroeste do povoado de Trancoso, numa linha que ia de nordeste para sudoeste, ao longo de quase dois quilómetros, abria-se o Desfiladeiro das Corujas, local de nidificação para as inúmeras aves que emprestavam o nome ao local.

Encaixado no Desfiladeiro das Corujas corria o rio Salgueiro, bravio mesmo nos meses de Estio, alargando-se num enorme pântano a jusante da garganta.

A meio caminho entre o pântano e o mosteiro de S. Gunderico, numa depressão do terreno, ficava a capela do Santo. O desenho e as dimensões deste templo eram idênticos aos da capela do Arcanjo, mas as semelhanças ficavam-se por aí: toda a construção era feita de xisto, sendo que, no exterior, as paredes sempre estiveram a descoberto, isto é, nunca foram cobertas por qualquer argamassa ou algo semelhante.

Apesar de serem de uma espessura considerável, as paredes deste templo estavam em muito mau estado, e uma delas, a do lado direito para quem estivesse voltado para a entrada, apresentava um grande rombo, tendo as lages que dela caíram resvalado para o exterior. O telhado, que outrora fora composto por grandes placas rectangulares de ardósia assentes em vigamento de madeira de carvalho, tinha ruído da entrada até meio da nave, atulhando uma boa parte do pavimento, também ele constituído por placas de ardósia.

No interior da capela, uma boa parte das paredes estava coberta por um reboco branco, havendo uma dúzia de nichos onde se podiam ver algumas estatuetas, umas de pedra e outras

de madeira, todas elas atacadas por musgo e as de madeira também por caruncho. A capela-mor conservava o seu altar, podendo ver-se, mesmo na frente deste, o chão riscado a branco e vermelho com alguns símbolos cabalísticos. Aqui e ali via-se cera seca que derreteria de velas, sendo muitas as lages do pavimento que continham estranhos desenhos cor de ferrugem: sangue!

No Inverno, o rio Salgueiro lançava vinte vezes mais água do que o normal no pântano, e este, não a conseguindo absorver, subia tanto e alargava as suas margens que, todos os anos, as águas banhavam a soleira da porta da capela do Santo.

Com as cheias, o acesso ao templo costumava ser feito através de um pequeno barco munido com dois remos, propriedade de um apicultor, mas que servia qualquer um que quisesse chegar à capela.

Durante as inundações a capela do Santo ficava no meio daquele lago sazonal que cobria toda a depressão de terreno, tendo como vizinhos duas ou três centenas de velhos salgueiros, muitos deles também cercados pelas águas.

Dizia-se que aquele templo era o local preferido para a prática de bruxaria, já que, principalmente nas noites de Lua Cheia, a partir da meia-noite, fosse Verão ou Inverno, a pé, de barco ou a nado, era um corrúpio de bruxas e feiticeiros que para lá se dirigiam.

Relativamente a templos, para além do mosteiro de S. Gunderico, da capela do Arcanjo, da capela do Santo e das duas igrejas de construção recente, Trancoso possuía dez pequeninas capelas de puro estilo românico que estavam distribuídas pela parte velha da vila.

No curso superior do rio Salgueiro, edificada a uma altura de quase oitenta metros e ligando as duas vertentes do Desfiladeiro das Corujas, encontrava-se a Ponte Florida, à qual se tinha acesso através do Caminho Que Chora.

A oeste dessa ponte, na margem direita do rio Salgueiro, erguia-se o Monte da Viúva, uma elevação de terreno quase completamente coberta por urzes e que na época da floração se destacava das redondezas pela acentuada cor arroxeadada.

A norte do mosteiro de S. Gunderico, mil e quinhentos metros para lá da capela do Arcanjo, cercado pela floresta, ficava o enorme cemitério da vila: o chão era de terra batida, de cor negra, e apesar de haver muitas sepulturas com magníficos arranjos florais, havia também muitas assaltadas pelo abandono que o musgo identificava. No entanto, uma ou outra flor pousada nalgumas destas últimas sepulturas indicava que alguém ainda se lembrava dos defuntos que aí repousavam.

Inúmeras velas de chamas dançantes iluminavam o cemitério durante a noite, parecendo tratar-se de mil olhos que velavam os defuntos.

Quase todas as sepulturas tinham à cabeceira uma cruz de pedra ou a estátua de um anjo, havendo cerca de quatro ou cinco dezenas de túmulos que eram autênticas obras de arte: altos jazigos de mármore ou granito com anjos esculpidos prostrados sobre as tampas, enquanto outros, de asas pendentes, pareciam chorar os finados.

Distribuídas pelo cemitério havia duas dezenas de capelas privadas, umas de arquitectura românica e outras gótica, mas todas belíssimas, sendo a maior e mais bela de todas a da família Lupus que, de senão, tinha a porta (feita de grossas barras de ferro forjado) apenas encostada à entrada, já que se

encontrava com os gonzos e a fechadura a necessitarem de reparação, coisa que os Lupus não mais fariam, pois há muito que o último perecera pela lepra, uns anos após a família ter caído na miséria.

No extremo oeste do cemitério havia uma capela ou Casa Mortuária de modesto aspecto. Era feita de granito e a porta de carvalho estava pintada de verde-escuro. No alto da construção havia uma grande cruz de ferro forjado, carcomida pelo tempo e ameaçando cair a qualquer momento; o interior era composto por quatro ou cinco bancos compridos e um minúsculo altar à cabeceira; no exterior, a parede traseira estava completamente coberta por hera.

A poucos metros da Casa Mortuária ficava o Ossário: uma pequena construção de xisto, quase coberta por heras tão frondosas que pareciam alimentar-se dos ossos aí guardados, como se neles ainda algo de vital residisse. A pequena porta do Ossário, há muitos anos sem fechadura, estava um tanto ou quanto esburacada pela podridão, fazendo com que as ratazanas pudessem transitar à vontade para irem romper os dentes nos ossos polidos ali depositados. Para além dos buracos na porta, uma pequena janela com vidros partidos, quase coberta pela hera, eram as únicas aberturas a permitirem alguma luminosidade no interior.

Quem entrasse no Ossário encontraria no canto esquerdo, mesmo ao lado da porta, algumas picaretas, quatro pás e o mesmo número de enxadas, dois pés-de-cabra, dois martelos e meia dúzia de archotes. Do lado direito da porta podiam ver-se dois cabides de ferro onde estavam dependuradas duas capas negras de tecido grosseiro, um par de calças e duas camisolas da mesma cor das capas; no chão encontravam-se dois pares de botas sujas de lama já seca e um amontoado de sacos de estopa.

A parede do lado direito era ocupada na totalidade por uma estante tendo, separados nas diversas prateleiras, ossos amarelecidos e limpos de qualquer tecido mole: umas prateleiras tinham os ossos dos pés e das mãos, outras tinham fêmures, outras tinham tíbias, e por aí fora, sendo que a prateleira mais próxima do tecto estava preenchida com crânios de vários tamanhos.

A parede lateral esquerda, onde se encontrava a pequena janela, tinha algumas prateleiras onde se podiam ver belas estatuetas, umas de cera, outras de argila e ainda outras de madeira, sendo as primeiras relativas a motivos religiosos como imagens de Cristo, santos, crucifixos e várias figuras do presépio, enquanto as segundas e terceiras, feitas de argila e madeira, representavam motivos da natureza, tais como carvalhos, corujas, javalis e lobos. Tanto umas como outras oscilavam entre os seis ou sete centímetros até ao meio metro de altura. Eram verdadeiras obras de arte onde os pormenores mais ínfimos estavam representados com tal realismo que só mesmo um grande artista poderia ter sido o autor de tais objectos.

Na parede do fundo, no canto inferior esquerdo, havia um desordenado amontoado de tíbias, e mesmo na frente dessa pilha de ossos encontrava-se uma roda de oleiro com o respectivo banco. Encostada à mesma parede, mesmo ao centro, havia uma pequena prateleira com uma dúzia de livros, todos eles relacionados com história da arte. Quase encostada a essa estante encontrava-se uma enorme cadeira e uma secretária repleta de gavetas onde, se fossem abertas, se poderiam encontrar, entre outras coisas, velas, pregos de vários tamanhos, caixas de fósforos, pincéis, rolos de cordel e uma faca de mato; em cima da secretária havia algumas bolas de cera arredondadas pelas mãos de alguém, pois podiam ver-se as impressões digitais

marcadas. Ainda sobre o tampo da secretária, havia também alguns cubos de argila, um grosso bloco de notas, duas canetas, um lápis e um candelabro de ferro forjado com três braços, estando estes quase envolvidos pela cera que escorrera das velas que neles tinham sido consumidas e das quais apenas restavam três cotos.

No canto inferior direito da parede do fundo encontravam-se três ou quatro garrafas de vinho vazias e uma machada.

Entre o Ossário e a Casa Mortuária havia um gigantesco carvalho que não tinha resistido ao peso dos anos: de tronco e ramos grossos, desoladamente despido de folhas, era o sítio predilecto de corvos e corujas, de dia para uns e à noite para outras.

O cemitério da Vila de Trancoso não tinha muros, sendo quase envolvido por uma muralha de majestosos cedros. Caso curioso era o de um enorme loureiro que crescia quase no centro daquele campo santo.

O único lugar em redor do campo dos mortos que não tinha cedros era a parte voltada para nascente, aí ficava o chamado Jardim das Tílias. Este era composto por um grupo de cinquenta velhas tílias, tendo no centro um gigantesco e vetusto carvalho onde, num tempo longínquo, um desvairado se enforcara. Por este facto, o Jardim das Tílias também era conhecido por Jardim do Enforcado. Ao lado do carvalho resistia uma anta megalítica onde, em tempos muito remotos, fora comum os druidas celtas se reunirem.

Se se traçasse uma linha recta do mosteiro de S. Gunderico até ao cemitério de Trancoso, mediria não mais de dois quilómetros, e os mil e quinhentos metros que separavam a

capela do Arcanjo e o cemitério eram compostos por alguns outeiros e profundas ravinas, tornando-se um terreno extremamente perigoso para ser transitado por quem não conhecesse muito bem aquela região.

Para ultrapassar esta geografia agreste tinha sido feita uma estrada que, formando um grande arco, partia do adro do mosteiro, contornava a floresta pelo nascente, passava à direita dos outeiros e ravinas e findava no Jardim das Tílias, tendo uma extensão de pouco mais de três quilómetros. Esta estrada, que tinha o nome de Via Genserico, estava encalçetada com paralelos de granito, sendo as bermas semeadas por carvalhos e castanheiros de porte gigantesco.

Todo o Norte, Noroeste e Oeste de Trancoso era uma imensa floresta que se estendia por dezenas e dezenas de quilómetros, formada maioritariamente por loureiros, medronheiros, castanheiros e carvalhos de enormes dimensões.

Enquanto a leste de Trancoso, logo depois da Via Genserico, se podia encontrar uma imensidão de terrenos cultivados, a nordeste estendiam-se enormes prados, e, para lá destes, uma vastíssima área de pomares com milhares e milhares de árvores de fruto onde as ameixoeiras imperavam pelo número.

Era do conhecimento geral que faltavam dois anos para se comemorarem os quatro mil anos da fundação do povoado de Trancoso: uns diziam que havia registos antiquíssimos no mosteiro que provavam tal antiguidade; outros baseavam-se numas inscrições encontradas em duas ou três antas, há muitos anos, lá para os lados da Ponte Florida onde mais tarde viria a passar o Caminho que Chora; outros, ainda, diziam que tinham sido encontrados alguns artefactos onde posteriormente se erigiu